

## Resenha

# O Mundo Pós-Americano

ZAKARIA, Fareed. *O Mundo Pós-Americano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Marcos Valle Machado da Silva\*

Fareed Zakaria nasceu na Índia em 1964, estudou em Yale, doutorou-se em Ciência Política pela Universidade de Harvard e foi editor *Newsweek International*. Em *O Mundo Pós-americano*, publicado em 2008, Zakaria analisa o lugar que os Estados Unidos da América (EUA) ocuparão em um mundo unimultipolar (“muitas potências e uma superpotência”), onde a China e a Índia aumentam e consolidam suas respectivas posições de influência nos temas das agenda internacional. Não se trata de mais um livro acerca do “declínio” dos EUA, mas sobre o reflexo da ascensão de outros Estados no sistema internacional.

Analisando “se” e “como” as forças decorrentes da ascensão de outras potências afetarão os EUA, o autor aponta que, para os americanos, o maior desafio não é econômico, mas sim político, uma vez que, economicamente, os EUA ainda respondem por cerca de 20% do PIB mundial. Um reflexo desse poderio econômico é o montante dos gastos militares americanos, que hoje se situa em torno de 50% dos gastos mundiais em defesa. Para o autor, “o poder militar americano não é a causa do seu vigor, mas uma consequência” (ZAKARIA, 2008, p. 196).

O autor deixa claro que os EUA têm problemas sérios, decorrentes da baixa taxa de poupança individual, déficits comerciais e orçamentários e, talvez o mais preocupante, os americanos tomaram emprestado cerca de 80% da poupança mundial para financiar seu consumo interno. No entanto, Zakaria argumenta que o verdadeiro desafio para os EUA se traduz em uma questão-chave: “Os Estados Unidos podem prosperar num mundo que não podem dominar?” (*Ibid.*, p. 228)

Ao analisar a estrutura do sistema internacional e qual a “finalidade americana” dentro dele, Zakaria apresenta o contraste entre dois momentos:

---

\* O Capitão-de-Fragata (RM1) Marcos Valle Machado da Silva é docente da Escola de Guerra Naval (EGN), possui os cursos de Estado-Maior para Oficiais Superiores (EGN-2003), Especialização em História das Relações Internacionais (UERJ-2006) e Especialização em História Contemporânea (UFF-2010). É também Mestre em Relações Internacionais pela UERJ e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da UFF.

o primeiro corresponde ao apogeu da maré unipolar americana, isto é, 2002. Naquele ano os EUA ostentavam uma década de crescimento econômico, aumento de produtividade, superávits recorrentes e dólar forte. Além disso, após o choque dos atentados de 11 de setembro de 2001, o país havia angariado a simpatia quase universal, de modo que a ação militar contra o governo Talibã, no Afeganistão, foi respaldada por todos os fóruns internacionais. No entanto, o mundo testemunhou uma nova postura unilateral exacerbada que pôs o terrorismo (e a Guerra contra ele) no topo da agenda mundial.

O segundo momento analisado pelo autor corresponde ao momento em que o livro foi escrito e apresenta os EUA ainda como a superpotência global, porém enfraquecida, com a economia em crise, o dólar em queda, baixa poupança interna, o envolvimento em duas intervenções militares simultâneas e um crescente sentimento antiamericano em diversos Estados. Assim, o momento unipolar se torna, a cada ano, mais fraco fazendo com que o sistema internacional venha a tender para a multipolaridade. Isso é decorrente do que Zakaria denomina a “Ascensão do resto”, pois se no âmbito político-militar os EUA ainda são incontestáveis, nos demais âmbitos ou esferas de poder – econômica, financeira e cultural – essa unipolaridade não mais se faz presente.

Nesse contexto, o autor argumenta que à medida que os outros crescerem, o peso relativo dos EUA diminuirá e, conseqüentemente, os limites para a aplicação do poder americano se tornarão mais evidentes. Assim, Zakaria prescreve seis pontos centrais que deveriam nortear a atuação dos EUA nesse novo ambiente internacional, sumarizados a seguir na presente resenha:

1 - *Escolher*. A percepção de onipotência fez com que o governo americano acreditasse estar isento da necessidade de ter prioridades. No entanto, o autor aponta que os EUA não podem se envolver em tudo e devem concentrar sua atenção e esforços naquilo que é realmente importante, isto é, as oportunidades e desafios que se apresentam aos EUA em função da ascensão de Estados como, por exemplo, “China, Índia e Brasil, onde o futuro está sendo construído” (ZAKARIA, 2008, p. 253).

2 - *Promover normas amplas, não interesses estreitos*. Zakaria argumenta que o objetivo primordial dos EUA deve ser o de criar uma estrutura de normas, valores e práticas à qual o mundo deverá obedecer. Deste modo, mesmo com outros Estados ascendendo à posição de potências do sistema internacional, a ordem do sistema continuará sendo a mesma. Mas, para que isso funcione, os EUA também devem aderir a essas regras, pois se os principais fomentadores desses regimes não se mostrarem dispostos a cumpri-los, por que os demais Estados haveriam de fazê-lo?

3 – *Ser Bismarck, não a Grã-Bretanha*. O autor apresenta duas grandes analogias históricas nas quais os EUA podem se inspirar, a fim de construir sua grande estratégia: a da Grã-Bretanha e a de Bismarck, ambas no século XIX. A primeira tentou contrabalançar a ascensão e a ameaça de novas potências, mas manteve uma postura discreta no continente europeu. Já Bismarck optou por se envolver com todas as grandes potências, tendo como objetivo manter com elas relações melhores do que elas mantinham entre si. Para Zakaria, “Washington encontra-se na situação ideal de desempenhar um papel Bismarckiano no atual sistema internacional, pois as relações que mantém com quase todas as potências são melhores do que as que elas mantêm entre si” (*Ibid.*, p. 257).

4 – *Ordem à la carte*. A prescrição do autor para a modelagem da ordem internacional, em consonância com os interesses norte-americanos, é um multilateralismo *à la carte*, isto é, adotar como premissa que nenhuma instituição ou organização está sempre certa e nenhuma estrutura é ideal. Assim, os problemas internacionais deveriam se enfrentados mediante uma variedade de arranjos institucionais, visando criar uma estabilidade por camadas.

5 – *Pensar assimetricamente*. Em outras palavras, significa “não ser atraído para armadilhas”, onde o poder militar norte-americano, incontrastável em termos clássicos, possa ser desgastado por guerras assimétricas que, na verdade passam a imagem de reação legítima às ações de uma potência imperial.

6 – *Legitimidade é poder*. O autor aponta, com clareza, que o governo norte-americano deve compreender que “a geração de apoio público internacional à sua visão de mundo é um elemento essencial do poder, e não um simples exercício de relações públicas” (ZAKARIA, 2008, p. 263). Outros Estados, especialmente aqueles que estão em ascensão, não aceitarão uma visão de mundo imposta pelos EUA. Assim, o governo norte-americano terá que defender sua posições nos diversos temas da agenda internacional, e deverá fazer isso de modo persuasivo.

A grande reflexão proporcionada em o *Mundo Pós-americano* não se encontra nas considerações acerca de um possível declínio norte-americano, mas sim na análise do impacto da ascensão de outros Estados à condição de potências do sistema internacional. A atualidade das questões abordadas, aliada a uma argumentação direta e de fácil compreensão, faz da obra em pauta uma leitura obrigatória para aqueles interessados em ampliar a compreensão acerca das relações de poder decorrentes da reconfiguração dos pólos de poder nas diversas estruturas (econômica, militar, ideológica e cultural) do sistema internacional.